

CENTENÁRIO DE UM POETA

Sânzio de Azevedo

Amanhã, dia 12 de abril de 1982, registra-se o primeiro centenário de nascimento de José Albano, extraordinária figura de artista, um dos mais puros poetas não só do Ceará, mas do Brasil, em todos os tempos, autor de alguns dos mais belos poemas da língua portuguesa.

Filho do comerciante José Albano Filho e de D. Maria de Abreu Albano, nasceu José d'Abreu Albano em Fortaleza, no dia 12 de abril de 1882, estudou no Seminário de Fortaleza e, mais tarde, em Blackburn, Inglaterra (Stonyhurst Colege), em Feldkirch (Stella Matutina), e em Dreux, na França.

Em 1898 regressa ao Ceará, fazendo preparatórios no Liceu.

No ano seguinte, faz parte, como pistonista, da orquestra do Clube de Diversões Artísticas, dirigida pelo maestro Henrique Jorge.

Nos primeiros anos do século faz parte do Centro Literário, época em que estampa, em jornais de Fortaleza, seus primeiros versos. Após um breve estágio como professor de Latim do Liceu, transfere-se em 1905 para o Rio de Janeiro, indo trabalhar no Gabinete do Barão do Rio Branco, então Ministro das Relações Exteriores. Três anos depois, ei-lo no Consulado Brasileiro em Londres, emprego que abandona para fazer uma peregrinação por vários países da Europa e da África. Ao romper a Primeira Guerra Mundial, com a saúde abalada, volta ao Ceará. Até 1918, quando irá novamente para o Rio, frequenta o Café Riche, na Praça do Ferreira, onde pontifica ao lado de Antônio Sales, Quintino Cunha, Martinz de Aguiar e outros.

No mesmo ano de 1918, viaja para Paris: não mais regressaria ao Brasil, falecendo num hospital de Montauban, em Tarn-et-Garonne, no dia 11 de julho de 1923, aos 41 anos de idade.

Evocando o primeiro regresso do poeta, em 1898, disse José Sombra, em conferência pronunciada no Salão Juvenal Galeno (hoje Casa de Juvenal Galeno), em 1919, portanto em vida de Albano: “Conheci José Albano já há longos anos, quando ainda eu cursava as aulas do Liceu. Chegara ele da Europa, onde fizera estudos de humanidades. Era um lindo rapaz, de fisionomia doce e sonhadora, um plácido semblante à Lamartine, ainda não perturbado pelo uso do monóculo, já possuindo uma cabeleira em início e um ligeiro buço, que mal faria adivinhar as longas barbas que hoje ostenta e lhe dão um aspecto leonino de pope russo”.

No Rio, Manuel Bandeira, que haveria de um dia organizar e prefaciar uma edição das **Rimas de José Albano** (1948), ficou estupefato quando, ainda estudante do Pedro II, viu José Albano, na porta da Livraria Garnier, dirigir-se a João Ribeiro nestes termos: “Não diga asneiras, João Ribeiro! Não diga asneiras!”

Figura imensa e extremamente desconcertante, José Albano foge completamente a qualquer tentativa de encaixá-lo numa corrente estética. É que ele versejava, à maneira camoniana, em pleno declínio do Neoparnasianismo, o que não o impediu de produzir arte da melhor qualidade.

No intuito até certo ponto louvável de tentar fazer de Albano um homem de seu tempo (o que, para muitos, é um imperativo para qualquer escritor), Manuel Bandeira, apesar de haver dito, na **Apresentação da Poesia Brasileira** (1946), que o poeta está “inteiramente fora dos quadros da poesia brasileira”, incluiu-o em sua **Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Simbolista** (1956), baseado na espiritualidade de sua inspiração, na musicalidade de sua forma etc. Por outro lado, Péricles Eugênio da Silva Ramos, fundamentado no fato de uma vertente do chamado Parnasianismo brasileiro, haver desejado, como pregava Alberto de Oliveira, “um leve perfume de coisas antigas no estilo”, incluiu o poeta cearense entre os neoparnasianos, em sua antologia **Poesia Parnasiana** (1967). Mas, como

temos dito mais de uma vez, nem a espiritualidade de sua inspiração, basta para torná-lo um simbolista, nem o gosto pelo passado clássico lhe pode conferir qualidades parnasianas. Em José Albano, o traço arcaizante não foi uma componente accidental de seu estilo, mas essência mesma de seu modo de ser artístico. José Sombra, na citada conferência, depois de afirmar que o poeta fez questão de parar em plena Renascença, assinalou: “Ele leva o seu capricho ao ponto de não ler os escritores contemporâneos, do que se gaba”.

Quem folhear a coleção do jornal **A República**, de Fortaleza, nos primeiros anos do século, encontrará, assinados por José de Abreu Albano, José d’Abreu Albano ou J.D’A., poemas que de modo algum prenunciam o singular artista que, em 1912, publicaria nas Oficinas de Fidel Giró, em Barcelona, as **Redondilhas**, a **Alegoria**, e **Cançam a Camoens e Ode à Língua Portuguesa**. Em 1901, dizia o poeta, dirigindo-se “A Alguém”: “Vi-te, ó virgem — nos lábios teus havia/Sorriso singular,/E nos teus olhos mística magia/ E estranha, estranha luz a lampejar!” Mais tarde, em sua dicção definitiva, dirá na “Esparsa I”, das **Redondilhas**:

Há no meu peito uma porta
A bater continuamente,
Dentro a esperança jaz morta
E o coração jaz doente.
Em toda parte onde eu ando,
Ouço este ruído infindo,
Sam as tristezas entrando
E as alegrias saindo.

Poeta estranho, isolado em seu sonho, era natural fosse ele amargamente triste. Sua tristeza, porém, não era qualquer desventura amorosa, mas uma amargura de fundo existencial: o mundo de seu tempo lhe parecia terrivelmente prosaico, daí a ânsia de viajar no espaço, quando gostaria de viajar no tempo.

Na citada **Apresentação da Poesia Brasileira**, Manuel Bandeira, após dizer que a Albano, conhecedor profundo de vários idiomas antigos e modernos, não foi difícil assimilar o “antigo

estilo”, observa que “o seu Poeta Fui... nos soa em verdade como um soneto póstumo de Camões”. É evidente o elogio contido nesta declaração do poeta de **Libertinagem**, mas o certo é que, não obstante a presença do estilo camoniano nos versos do cearense, não devemos vê-lo como imitador, mas como transfigurador do Poeta Máximo de nossa língua. Leiamos o soneto, que é sua mais famosa produção, e concluiremos com Braga Montenegro, num dos melhores estudos dedicados ao poeta, que “assim como Camões, imitando Petrarca redigiria o soneto camoniano, José Albano, imitando Camões, comporia o soneto à própria maneira” (José Albano, 1958).

Poeta fui e do áspero destino
Senti bem cedo a mão pesada e dura.
Conheci mais tristeza que ventura
E sempre andei errante e peregrino.

Vivi sujeito ao doce desatino
Que tanto engana mas tão pouco dura;
E inda choro o rigor da sorte escura,
Se nas dores passadas imagino.

Porém, como me agora vejo isento
Dos sonhos que sonhava noute e dia
E só com saudades me atormento;

Entendo que não tive outra alegria
Nem nunca outro qualquer contentamento
Senão de ter cantado o que sofria.

Autor ainda da **Comédia Angélica do Triunfo**, e de vários sonetos, além de endechas e trovas, em que se eleva às mais altas culminâncias da arte, José Albano é realmente figura excepcional, solitária em sua majestosa grandeza. E, lendo-lhe os versos imorredouros, ocorre-nos a indagação: pode-se afirmar que é ultrapassada a obra literária que não se pautar pelos padrões estéticos de seu tempo? Não, certamente, se houver um talento superior a que talvez possamos chamar de gênio.

MANEIRISMO NA POESIA DE JOSÉ ALBANO

Carlos d'Alge

E o “antigo estilo” de que fala Manuel Bandeira, que caracteriza as **Rimas** de José Albano. É também curioso que um poeta nascido em Fortaleza, quase na última década do século passado e que vive na Europa os anos mais revolucionários do Modernismo, quando se buscam todas as inovações possíveis, do Cubismo ao Dadaísmo, passando pelo Futurismo e pela revolução dos bolcheviques, tenha conseguido manter-se a distância de todos esses movimentos.

Trabalhando em Londres no serviço diplomático e depois peregrinando pela Europa, Oriente Médio e norte da África, infenso à paisagem humana e física, José Albano conserva o seu espírito voltado para as coisas antigas, mantendo-se fiel às raízes meridionais. É um poeta lírico cujos valores temático-formais o consagram definitivamente no quadro da poesia brasileira.

Acrescente-se que o seu estilo está condicionado por atitudes éticas e religiosas, por valores também ideológicos, que identificam determinado momento histórico e literário, numa total homogeneidade estilística, o que é realmente de espantar. Um lírico quinhentista que é, essencialmente, um maneirista. Pois que José Albano não pensou nem escreveu de outro modo. Basta o título de sua obra poética, **Rimas** para recordar a herança camoniana. Lendo-a, nela encontramos traços não só de Camões, mas de Petrarca, de Diogo Bernardes, de Gil Vicente, e até do Licenciado Antônio Ferreira. E, se formos mais a fundo, talvez descubramos pegadas de Frei Agostinho da Cruz e de Rodrigues Lobo.